

## Laurinda e a guerra

---

Enquanto uma iraquiana estendia roupa em Bagdad, dona Laurinda assistia na cama à guerra ?em directo? pela televisão. As olheiras serviam de prova para quem a quisesse ouvir contar no autocarro o quão atormentada fora a sua noite. ?Não dormi quase nada?, desabafou com um choro nos olhos. ?Só de pensar naquela gatinha a ser bombardeada!? Com as pálpebras semi-cerradas dona Laurinda levou as mãos ao coração. É lá que desde os 73 tem colocado um *pace-maker*. ?Até sinto aqui um aperto.?

As sirenes já se haviam calado lá longe no Iraque e dona Laurinda ainda remoia entre os lençóis. Mesmo depois de desligada, as imagens da televisão não a deixaram adormecer tranquilamente, como de costume. Entre os passageiros do autocarro havia quem se queixasse do mesmo. Dona Laurinda sentiu-se compreendida e aproveitou a empatia para atirar o que lhe ia na alma sobre a guerra: ?Isto é tudo fruto da ambição do Homem.?

Mas alguém não percebeu de quem exactamente é que dona Laurinda falava. ?Do Bush ou do Sadam??

Sem dar importância à questão da identidade do Homem, dona Laurinda encolheu os ombros. Os olhos, entretanto já secos, tinha-os pousado numa parede coberta de cartazes. Neles uma caricatura americanizada do primeiro-ministro apelava: ?Preciso de ti!? Depois de um demorado suspiro Dona Laurinda retirou os olhos da parede e encarou os passageiros sentados à sua frente: ?Eu precisava era de dormir!?

Enquanto a roupa secava em Bagdad, Dona Laurinda imaginara a guerra à porta de sua casa misturando imagens retiradas dos noticiários. Ouviu as sirenes que anunciavam os bombardeamentos durante a noite. Sentiu desmoronar os prédios próximos da sua casa. Assustou-se. Viu o filho beijar-lhe as mãos e partir de *kalasnicov* ao ombro. Consolou os netos pequenos que não paravam de chorar. Saiu à rua já de dia. Só viu destroços. E pó. ? Será que aquelas *máscaras anti-gás* dos israelitas servem para respirar entre o pó?, pensou fazendo uma pausa na guerra imaginada. ?Ou só se usam em caso de *ataque biológico*?? Como não sabia a resposta, dona Laurinda achou melhor imaginar que tinha as tais máscaras em casa. Uma para ela, outra para a nora e mais duas para os netos. Talvez fosse prudente ter ainda mais uma extra, não fosse alguma se estragar. De volta à guerra dona Laurinda imaginou o perigo que correria caso um míssil *skud* errasse o alvo e atingisse a sua casa. Temeu pela vida dos netos. Mas talvez a família tivesse sorte. E nessa altura já estivesse a salvo num *bunker*. Ou então num *campo de refugiados*. ?Mas como é que chegávamos lá?? A dúvida obrigara-a a mais uma pausa imaginativa. E por que desta vez não arranjava uma solução para o impasse dona Laurinda decidiu pôr fim à história. E começou a rezar. Ao fim de quatro voltas ao Terço adormeceu.